

Turismo nas fazendas imperiais do Vale do Paraíba Fluminense: apontamentos para uma pesquisa futura

Adalgiso Silva SILVEIRA¹

Resumo: Este artigo baseia-se nos resultados de pesquisa efetuada no biênio 2005-2006 (fase 1), para definir parâmetros de uma nova pesquisa nessa região sobre as práticas da hospitalidade em 2015 (fase 2). Na forma de pesquisa exploratória, busca compreender o desenvolvimento da atividade turística em um conjunto de fazendas, na época associadas ao Instituto Preservale, representativas da cafeicultura durante o século XIX no vale do Paraíba Fluminense, mediante visitas “in loco”, consulta a documentos impressos e eletrônicos, entrevistas semiestruturadas e contato com experts da área. Verifica na fase 1 o turismo em 23 fazendas foram criadas de 1768 a 1870, distribuídas em Barra do Piraí, Paty dos Alferes, Rio das Flores, Valença e Vassouras; e na fase 2, esse número passa a 27, incluindo o município de Barra Mansa, indicando o crescimento/valorização dessa oferta de atrativos turísticos. Os serviços oferecidos aos turistas e visitantes eram na fase 1 da pesquisa visitação, hospedagem e visitação, e passeios na propriedade e fora dela, com destaque para a visitação. O principal atrativo na visão dos proprietários era a arquitetura da casa sede associada à história e cultura da fazenda e região, além do próprio mobiliário, decoração, natureza e atividades de lazer. Constatou-se a ambientação de base histórica em eventos como o sarau Histórico e o Chá Imperial.

Palavras-chave: Turismo no Espaço Rural. Turismo Histórico Cultural. Fazendas Imperiais. Vale do Paraíba Fluminense.

Introdução

Patrimônio e história, independente da dimensão populacional ou territorial, representam o passado de um povo, de uma sociedade ou de uma comunidade. Seus remanescentes materiais simbolizam hábitos, costumes e culturas passadas, funcionando como ponto de referência e reflexões de experiências vividas, para as gerações do presente e futuras. O Vale do Paraíba Fluminense, ou o “Vale do Café”², é uma região onde a cafeicultura atingiu índices máximos de produção em curto espaço de tempo e elevou o café a um patamar de valorização, transformando-o no principal produto de exportação do Brasil. Essa monocultura cafeeira gerou fortunas e fez construir no espaço rural monumentais palacetes para a época, influenciada que foi por modelos importados da Europa e impulsionada pelo desejo de ostentação de demonstração de poder.

¹Bacharel em História. Professor de Cursos de Graduação em Turismo. Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes ECA/USP. Pós-doutorado em Hospitalidade no programa de Pós Graduação em hospitalidade da Escola de negócios e hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi - UAM. Email adaltour@usp.br

² O Vale do Café oferece aos seus visitantes um verdadeiro passeio pela história do Estado do Rio de Janeiro através dos seguintes municípios: Vassouras, Valença, Barra do Piraí, Rio das Flores, Miguel Pereira, Piraí, Paty do Alferes, Pinheiral, Mendes, Engº Paulo de Frontin, Barra Mansa, Volta Redonda e Paracambi.

Passados mais de um século e meio da sua existência, essas residências rurais representam em pleno século XXI a memória material de uma história de contrastes e o paradoxo entre a riqueza e a pobreza, o *glamour* e a decadência, retratados na sua arquitetura imponente, composta por um cenário em que se confundem um misto de obras de arte e objetos de decoração, o que de melhor existia para a época, integrados com ferramentas de trabalho e castigo do sistema escravista. A partir da década de 1990, com o crescimento do turismo no Brasil, os proprietários dessas fazendas despertaram para uma nova realidade – o turismo – na região.

Essa oferta de atrativos turísticos de valor histórico e cultural motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los, tendo como resultado uma experiência enriquecedora e aquisição de valores entre visitantes e anfitriões. Para Beni (2000), o turismo pode contribuir para a preservação de valores culturais que apresentam também um valor específico para o turista. Para ele os atrativos histórico-culturais são manifestações sustentadas por elementos materiais que se apresentam sob a forma de bens imóveis e móveis, como as fazendas que se integram no grupo de edificações rurais, categoria de arquitetura civil com funções mistas – residência, ensino e pesquisa, serviço e comércio -, mas, que sejam passíveis de visitação.

Concorda-se com a visão de Beni (2000) pra quem o meio rural tem patrimônio natural e sociocultural importantes. Por isso o desenvolvimento do Turismo precisa respeitar a integridade de seus recursos (efeitos diferenciais da paisagem rural, da tranquilidade, de repouso, arquitetura de época e popular).

O estudo ora apresentado originalmente se deu nos anos de 2005 e 2006 como tese de doutorado por ocasião da defesa do título (Silveira, 2007). A retomada dos seus resultados parciais neste artigo se caracteriza como uma primeira fase do estágio de pós-doutorado em andamento na Universidade Anhembi Morumbi, a fim de definir parâmetros de análise da Hospitalidade junto a uma amostra maior de fazendas da região. Nesse sentido o objetivo do presente estudo é a caracterização do início e desenvolvimento até 2006 do turismo histórico-cultural em 23 fazendas associadas na época ao Instituto Preservale, entidade fundada em 1994 com o objetivo de divulgar e assessorar os proprietários no desenvolvimento do Turismo na região.

Trata-se de uma pesquisa exploratória, do tipo levantamento (DENCKER, 2005), cujos instrumentos utilizados foram os seguintes: a) visita “in loco” com observação sistemática e registro fotográfico das 22 fazendas pesquisadas; b) entrevistas semiestruturadas com os proprietários; c) contato com historiadores e estudiosos da região; com destaque para os incentivadores e pioneiros nessa ideia do resgate da história do café e a valorização do patrimônio por meio do acesso às fazendas abertas à visitação pública. d) consulta a sítios da internet das fazendas. Os principais resultados obtidos na fase 1 são apresentados, após uma breve contextualização da história do café na região, em dois tópicos: aspectos gerais, onde se já sinaliza a amostra para a fase 2 da pesquisa, e caracterização do turismo, identificando o início, razões, serviços oferecidos e principais atrativos dessa oferta de turismo histórico-cultural.

Café e patrimônio histórico-cultural no Vale do Paraíba Fluminense

As versões sobre a origem do café dão conta que a planta foi conhecida primeiramente na Etiópia (ARGOLO, 2004, p. 19) e depois teria migrado para a Arábia, pois “no século XV os árabes tomavam café, cabendo a eles a exclusividade da lavoura até o século XVII”. Assim cabe aos árabes a bebida obtida pela infusão de grãos, torrados e moídos em água quente.

Na América do Sul, conforme Taunay (1939), o café começou a ser cultivado na colônia holandesa do Suriname em 1718, com produção significativa em 1727, e se propagou pela América Central e chegou ao Brasil nesse mesmo ano. Desde as primeiras notícias da existência da espécie, o café provocou grandes mudanças no comportamento das pessoas e influenciou a humanidade em todos os setores.

Com a entrada da bebida no Brasil, por aqui, também os comentários e a crença sobre as qualidades da planta, não foi diferente que no restante do mundo, ou seja, “era impossível conciliar as opiniões médicas”. Para uns o café era visto como um princípio de vida que curava todas as moléstias; para outros, embebedava, corrompia o sangue e destruía os princípios da geração. Depois a opinião comum era de que “o café põem o sangue em movimento, ajuda a digestão, desperta [...], precipita os alimentos” e, portanto, “o seu uso será saudável às pessoas gordas” [...]; “pelo contrário as pessoas magras, seccas de hum temperamento ardente e biloso, só devem usar delle com muita reserva”. (TAUNAY, 1939, p. 26)

A entrada das primeiras sementes de café plantadas no Brasil ocorreu, como já citado, em 1727, por intermédio de Francisco de Melo Palheta, sargento-mor, oficial do exército português. De acordo com Taunay (1939, p. 281), no final do século XVIII, a cultura do café era, ainda, economicamente insignificante no Brasil.

A fixação do café como produto agricultável transformar-se-ia em um curto espaço de tempo em uma cultura tão valiosa tal qual o foi o ouro nas Minas Gerais. De acordo com Taunay (1939), no século XVIII aconteceu uma disseminação por toda a colônia. Na província da Bahia, por exemplo, relatos confirmavam que

[...] o uso dessa bebida do café está tão generalizado, que ricos e pobres, pretos e índios, todos o tomam muitas vezes ao dia e a comarca de Caravellas promette para o futuro tornar-se assas importante pela grande exportação de café, visto que hoje muitos lavradores de mandioca abandonaram esta, e plantam o café” (TAUNAY, 1939, v. II p. 38).

De norte a sul, verificou-se a presença do cafeeiro (lavoura do café), como uma agricultura alternativa, mas em pequena escala de produção, o que só veio a ocorrer a partir do plantio em terras fluminenses. No entanto, a propagação do café por toda a Colônia representava um risco para Portugal, que tinha como base da sua economia o açúcar. Apesar disso o cafeeiro se propagava...

A implantação da monocultura do café se deu simultaneamente em todo o Vale do Paraíba, hoje os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, na década de 1830. Foi introduzida quase ao mesmo tempo nos vales fluminense e paulista, logo após a decadência do ciclo da

mineração no país, na segunda metade do século XVIII (Lamego, 2003). As condições climáticas dessas terras fizeram com que no início do século XVIII a região viesse a se transformar na maior produtora de café do mundo (Stanley, 1961).

Na forma tradicional de *plantation*, se inseriu em grandes propriedades, com a utilização de mão-de-obra escrava, com o objetivo de cultivo para a exportação. O período áureo da cultura do café na província do Rio de Janeiro foi entre 1850 e 1870, sendo a cidade de Vassouras denominada a “Capital do Café”. Surgiu assim uma aristocracia rural, os Barões do Café e os seus requintados palacetes:

O café transformou a vida dos proprietários das lavouras. Os barões do café e as famílias foram adaptando os gostos e costumes aos moldes do luxo e ostentação, novos modos de viver impostos pela riqueza do café pelos títulos do baronato [outorgados pelo imperador]. (Soares & Vieira Filho, 2008, p. 49).

Tudo era importando do bom e do melhor. Havia um verdadeiro esbanjamento de dinheiro, e um gosto pelo luxo e a ostentação. Os “barões do café” [...], conquistavam e cortejavam o Poder. A Corte torna-se mais íntima e se transforma numa referência para os novos padrões de vida. (Silveira, 2007, p. 18)

Mas, passadas poucas décadas do apogeu, vem a crise ocasionada pela mensalidade conservadora e a falta de visão de futuro; “O café já não era mais o eldorado para a fortuna. A produção diminuía, faltava mão de obra para a colheita, o Brasil enfrentava forte concorrência internacional com o café de outros países” (Silveira, 2007, p. 19). Os proprietários fazem empréstimos, hipotecam suas terras e a realidade do Vale se transforma no século XX, herdeiros e novos donos assumem as propriedades e introduzem a pecuária leiteira e outras atividades agrícolas. Os casarões para a ser utilizados como hotéis, cassinos ou outros fins. A partir da década de 1970, poucas são as fazendas que permaneceram nas mãos da família de origem, e passaram para uma nova elite sem ligação com a família ou o café (Silveira, 2007).

A região passa a trabalhar com a possibilidade de incrementar uma nova função às antigas casas sedes das fazendas de café no espaço rural entendendo ser esta denominação a mais próxima da realidade do turismo praticado nas propriedades rurais do Vale do Paraíba Fluminense, o qual é aqui denominado de histórico-cultural.

Turismo histórico-cultural nos Fazendas Imperiais

Aspectos gerais das fazendas

Em 2005 foram levantadas 22 fazendas distribuídas em 5 municípios do Vale do Paraíba Fluminense, região turística Vale do Café, que estavam associadas ao Instituto Preservale. Dez anos depois, em 2015, houve um crescimento de 22% dessa quantidade, passando a 29 fazendas em 6 municípios. A tabela 1 mostra a distribuição das fazendas por município, com maior equilíbrio da oferta desses atrativos em 2015 (5 e 6 fazendas), exceto

em Barra Mansa (município que consta apenas em 2015). Destaca-se o município de Paty dos Alferes, que de 2 fazendas em 2006 passou a 5 em 2015.

A tabela 2 apresenta as características gerais das fazendas, sendo que as assinaladas em vermelho constam como associadas somente em 2005, e as assinaladas em azul são as que aparecem apenas em 2005. Apenas 3 eram administradas profissionalmente e 1 estava arrendada. Observou-se que poucas fazendas eram de propriedade das famílias que as fundaram (3), sendo que uma delas foi doada à instituição religiosa – Fazenda Santo Antônio do Paiol (Valença).

Tabela 1 - Fazendas do Instituto Preservale por município – 2005 e 2015.

Município	Fazendas em 2005 (nº)	Fazendas em 2015 (nº)
Barra Mansa	-	1
Barra do Piraí	4	5
Paty dos Alferes	2	5
Rio das Flores	5	5
Valença	5	5
Vassouras	6	6
Total	22	27

Fonte: elaboração própria (2015).

Tabela 2 - Características gerais das Fazendas do Instituto Preservale por município – 2006 e 2015

Nome	Município	Fundação	Proprietários
Fazenda da Taquara	Barra do Piraí	1810	Mesma família
Fazenda Ponte Alta	Barra do Piraí	1830	Outra família
Fazenda do Arvoredo	Barra do Piraí	1854	N/I
Fazenda São João da Prosperidade	Barra do Piraí	Décadas de 1820 a 1830	Outra família
Fazenda da Aliança	Barra do Piraí	1861	Outra família
Fazenda da Posse	Barra Mansa	1768	N/I
Fazenda Santa Cecília	Paty dos Alferes	1870	Outra família
Fazenda São João da Barra	Paty dos Alferes	1830	Outra família
Fazenda Monte Alegre	Paty dos Alferes	1855	Outra família
Fazenda Pau Grande	Paty dos Alferes	1748	Outra família
Fazenda Boa Esperança	Paty dos Alferes	1850	Outra família
Fazenda União	Rio das Flores	1836	Outra família
Fazenda Campos Elízeos	Rio das flores	1851	Outra família
Fazenda Santo Antonio	Rio das Flores	1842	Outra família

Nome	Município	Fundação	Proprietários
Fazenda do Paraíso	Rio das Flores	1845/1853	Mesma família
Fazenda Florença	Valença	Século XIX	Outra Família
Fazenda Santo Antonio do Paiol	Valença	1804 (1852 – 2ª sede)	Instituição religiosa
Fazenda Chacrinha	Valença	Décadas de 1850 a 1860	Outra família
Fazenda São Paulo	Valença	Década de 1820	Outra família
Fazenda Pau D'alho	Valença	1835	Outra família
Fazenda Vista Alegre	Valença	1852	Outra família
Fazenda Bocaina	Valença	1816	Outra família
Fazenda Cachoeira Mato Dentro	Vassouras	1840	Mesma Família
Fazenda do Secretário	Vassouras	Século XIX	Outra família
Fazenda Mulungu Vermelho	Vassouras	1840	Outra família
Fazenda Cachoeira Grande	Vassouras	Século XIX	Outra família
Fazenda São Fernando	Vassouras	1813	Outra família
Fazenda Galo Vermelho	Vassouras	Século XIX	Outra família
Fazenda São Luiz da Boa Sorte	Vassouras	1835	Outra família

Fonte: elaboração própria (2015).

Observou-se em visitas às fazendas entre 2005 e 2006 que

[...] a continuidade da posse passando de geração a geração da mesma família, cria um vínculo emocional, entre a propriedade e os familiares dos fundadores, fazendo com que passe a ser uma questão de honra não desfazer do bem, como uma forma de homenagear os antepassados. Por esta razão cada objeto de época passa a ter um calor simbólico para os familiares. (Silveira, 2007, p. 99)

Todas as fazendas tinham a lavoura do café como atividade produtiva original, e foram fundadas pelos futuros Barões do Café entre 1768 a 1870, sendo a maioria entre as décadas de 1830 a 1850, período em que o café foi se valorizando como produto de exportação. Com a decadência do café produzido no Brasil no mercado internacional, apenas uma das fazendas cultivava o café em 2006 com as mesmas técnicas empregadas no século XIX – Fazenda Taquara (Barra do Piraí); as demais passaram a explorar, principalmente, a pecuária (leiteira e gado de corte) e o turismo; outras atividades foram citadas como agricultura orgânica, criação de cavalos e produtos artesanais (cachaça, linguiça e queijos).

Em geral a área original das fazendas foi reduzida face à divisão entre herdeiros, e a casa sede permaneceu no mesmo local da original. Praticamente todas as edificações da época do café foram restauradas, e/ou reformas, sem, no entanto, descaracterizar aspectos da fachada e organização do espaço interno das edificações. Quanto ao mobiliário, este

permaneceu na maioria e em alguns casos constatou-se a adaptação de compartimentos, em especial para hospedar visitantes.

Caracterização do Turismo

O Turismo praticado no Espaço Rural do Vale do Café, denominado de turismo cultural, turismo de interpretação, turismo de habitação, turismo de lazer cultural, turismo pedagógico, turismo histórico cultural rural, turismo de origem, turismo de descanso, turismo de acolhimento ou turismo familiar, não faz referência ao ambiente rural, do ponto de vista da paisagem, sendo que em todas as fazendas, a visita limita-se principalmente à parte interna da antiga casa sede.

A opção pelo Turismo nas propriedades investigadas no biênio 2005-2006 parece ter se iniciado em 1983, na Fazenda São Fernando (Vassouras), cuja ideia não era “[...] o turismo propriamente dito, como um negócio, e sim, uma proposta pedagógica, aliada à história da fazenda, da região e da cafeicultura brasileira, a partir do século XIX”. O período de 1998 a 2002 concentra o maior número de fazendas que aderiram ao turismo (10). A última a iniciar-se no Turismo foi a em 2006.

Quanto às razões para ingressarem no Turismo, os entrevistados citaram o incentivo de Evelin Pasquale, da Fazenda Ponte Alta, e Ilza Rozemberg, incentivadora do turismo nas fazendas, as quais foram pioneiras na implantação do turismo nas fazendas históricas do Vale do café fluminense. As razões citadas nesse sentido, por grupo de fazendas de cada município, foram as seguintes:

- **Fazendas de Barra do Piraí:** grande procura de turistas estrangeiros; percepção da fazenda como um patrimônio histórico que recebia grupos para trabalho de psicólogos e terapeutas; tendência de outras fazendas em proposta com técnicas interpretativas da história dessas propriedades.
- **Fazendas de Paty dos Alferes:** fator histórico foi decisivo em uma propriedade de pequena extensão e improdutivo; contribuição para o conhecimento da história da região e como um compromisso social.
- **Fazendas de Rio das Flores:** influência de outros proprietários de fazendas vizinhas, pela riqueza histórico-cultural da região, e pela fazenda enquanto atrativo turístico; alternativa para a manutenção de um bem histórico.
- **Fazendas de Valença:** atividade complementar à pecuária; respeito à memória de Dona Francisca Esteves (Fazenda Santo Antônio do Pinhal) de preservar a fazenda para a história; projeto regional que resultou na fundação do Instituto Preservale (1994).
- **Fazendas de Vassouras:** alternativa de preservação da memória histórica das fazendas; riqueza histórica da fazenda como patrimônio e para cumprir uma obrigação social – um patrimônio educativo para o turismo; terra improdutiva para a agricultura; quando as fazendas começaram a abrir “suas portas” para a visitação pública; turismo como uma proposta pedagógica aliada à história da fazenda, da região e da cafeicultura brasileira.

Os dados acima indicam que houve incentivo de pessoas locais e do Instituto Preservale, ao mesmo tempo em que os proprietários perceberam os seus bens como patrimônio histórico de valor para o turismo, pois alguns já recebiam turistas (estrangeiros e profissionais), outros a tendência de fazendas que se abriram para visitação e para os demais o turismo se mostrou como atividade complementar ou principal de propriedades sem outras opções. Destaca-se a valorização do patrimônio histórico aliada à preocupação educativa e ao compromisso social na preservação da memória histórica das fazendas, da região e do Brasil.

As propriedades quando decidiram implantar o turismo, o fizeram com base no potencial histórico da casa sede, sendo que apenas 3 proprietários afirmaram ter consultado profissionais especializados em restauração e arqueologia para não correrem o risco de descaracterização. Vale lembrar que estas iniciativas foram isoladas, não tendo, mesmo nesses casos a participação dos órgãos de preservação do Estado e da União.

Em relação aos serviç os turísticos, a maioria das fazendas (13) oferecia s  visitação na casa sede, justificada por motivos tais como: a) a visitação torna-se mais rápida e não altera a rotina da fazenda; b) não depende de mão de obra e de empregados é menos trabalhoso; c) ocupa somente o período da realização (1 a 2 h); c) não requer uma infraestrutura montada; d)   residência da família proprietária; e) o tempo de ocupação e a responsabilidade com o visitante   menor; d) está aberta para visitação apenas para atender pesquisadores ou como lazer cultural. As que ofereciam também a hospedagem (9) justificaram essa opção como investimento a partir da reforma e/ou adaptação de ambientes internos das edificações.

Os passeios e atividades oferecidos especificamente aos que se hospedam nas fazendas indicam que o atendimento se associa ao ambiente "requintado" da época como diferencial, a importância do serviç o personalizado, a oferta de outras opções de lazer e esporte, como piscina, caminhada, passeio a cavalo, visita a outras fazendas da região, vivência do ambiente rural e a própria hospedagem em uma edificação histórica. Observou-se a busca de uma identidade da propriedade e sua história, colocando-se em prática os recursos para conquistar o visitante.

Por fim, questionados sobre o principal atrativo da fazenda segundo os proprietários é a arquitetura da casa sede (7), seguida pela história (5) e pelo mobiliário (3). Outros motivos menos citados foram os recursos culturais, a natureza e possibilidade de atividades de lazer, além de ambientação de base histórica. Neste sentido, os entrevistados apostam na conquista do visitante através de atividades como, o Sarau Histórico, o Ch  Imperial, os documentos, m vies e artefatos, enfim os pertences de uma única família. Apesar de variações, todos atrativos vinculam-se   história da fazenda, da região ou fazem referência   cafeicultura, o que reafirma o apelo histórico-cultural do turismo implementado nas fazendas do Vale do Café Fluminense como o diferencial do turismo na região.

Considerações finais

Passada uma década da fase 1 da pesquisa, a constatação da manutenção desse projeto de Turismo tendo como protagonistas os proprietários aliado à sua concretização no cenário turístico brasileiro como um produto diferenciado no espaço rural, estimulam a continuidade da pesquisa, uma vez que outras fazendas aderiram ao Turismo. Mais importante que os números é a consolidação de um projeto na área do Turismo, o crescimento da demanda, especialmente do público estrangeiro, e a perspectiva de se estudar a Hospitalidade que indica ser um atrativo tão ou mais importante do que a história e a cultura do ciclo do café.

Verificou-se que a atividade do turismo na região do Café no Vale do Paraíba Fluminense, era desenvolvida dentro de um mesmo propósito, enquanto região, porém cada propriedade oferece seus atrativos de forma particular, tomando por base a história local da propriedade. Não se observou maior definição na elaboração de roteiros temáticos.

As razões apontadas pelos entrevistados de implantar o turismo caracteriza-se como uma ação de resgate da história, uma contribuição cultural de valorização do patrimônio, onde se pretende mostrar a história do Vale do Café Fluminense, enaltecendo seus protagonistas, destacando a importância dos pioneiros e a dependência da força da mão de obra escrava.

Os proprietários tinham diferentes perfis e viram uma nova perspectiva para sua propriedade. Existe o grupo dos investidores, estes são proprietários que adquiriram a fazenda com a visão de mercado. E por esta razão investiram no turismo, entendendo ser esta uma área com perspectivas de crescimento. Há aqueles que consideraram o turismo um negócio, como outro qualquer. Para estes, o turismo já traz retorno. Em outro grupo observou-se uma preocupação com o patrimônio, muito além da questão econômica, estes não se interessam pelo turismo enquanto atividade de renda, por tanto não projetam para o futuro, retorno financeiro.

Passada uma década da fase 1 da pesquisa, a constatação da manutenção desse projeto de Turismo tendo como protagonistas os proprietários aliado à sua concretização no cenário turístico brasileiro como um produto diferenciado no espaço rural, estimulam a continuidade da pesquisa, uma vez que outras fazendas aderiram ao Turismo. Mais importante que os números é a consolidação de um projeto na área do Turismo, o crescimento da demanda, especialmente do público estrangeiro, e a perspectiva de se estudar a Hospitalidade que indica ser um atrativo tão ou mais importante do que a história e a cultura do ciclo do café.

Referências

Beni, Mário Carlos. (2000). *Análise estrutural do turismo*. 3ª ed. Ver. e ampl. – São Paulo: Editora SENAC.

Dencker, Ada de Freitas Maneti. (2005). *métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura.

Lamego, Paulo. (2003). *o brasil é o vale*. São Paulo: Gráfica Estadão.

Silveira, A. S. (2002) *ambientação de base histórica: ferramenta de incremento do turismo – O exemplo de vassouras – RJ*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Stein, Stanley Julian. (1990). *vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900*. Tradução de Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Taunay, Affonso de E. (1939). *história do café no brasil*. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 2 volumes.

Lucas, S. M. (1994). *vale do café. instituto preservale. fazendas do brasil, rio de janeiro*. 1º Catálogo das Fazendas." Disponível em <<http://www.preservale.com.br>>. Acessado em maio de 2015.

Silveira, A. S. (2007). *turismo nas fazendas imperiais do vale do paraíba fluminense*. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Soares, G. M.; Vieira Filho. N. A. Q. (2008). as fazendas dos barões do café no brasil: patrimônio histórico rural e turismo. *Reuna*, 13 (3),41-53.